



O “HOMEM PLURAL” E O PLURALISMO RELIGIOSO

Maylle Alves Benício
maylle.benicio@gmail.com
Universidade Federal da Paraíba
Brasil

Antonio Giovanni Boaes Gonçalves
giboaes@gmail.com
Universidade Federal da Paraíba
Brasil



RESUMO

A mensagem do fenômeno religioso impressa na realidade contemporânea ocidental é acertadamente traduzida em termos de pluralização confessional e trânsito religioso. Embora em diferentes níveis, a depender dos contextos específicos de cada sociedade, a religião – entendida como um fenômeno de caráter tanto privado quanto público – tem passado, nas últimas décadas, por um redimensionamento em suas diversas esferas de alcance sociocultural. O dinamismo no âmbito religioso é reflexo de uma conjuntura mais ampla de mudanças e transformações que permeiam as sociedades atuais, caracterizadas por seu alto grau de diferenciação e de complexidade. Nesse contexto, os esquemas de socialização dos indivíduos tornam-se cada vez mais heterogêneos e precoces. É em torno desse cenário que o sociólogo Bernard Lahire, visto como um dos mais proeminentes nomes da nova geração de sociólogos franceses, estrutura suas pesquisas e constrói a ideia do “Homem Plural”, visto como aquele que convive com as múltiplas contradições possíveis entre os diversos produtos heterogêneos de um mundo social diferenciado. Colocando em xeque as teorias da unicidade e da coerência das experiências incorporadas, Lahire apresenta sua proposta de uma sociologia da ação que é ao mesmo tempo disposicionalista e contextualista, mediante uma observação do mundo social focalizada nas diferenciações inter e intraindividuais. Essa abordagem abre espaço para uma sociologia condizente com a especificidade contemporânea de diferenciação e autonomização das esferas da vida social, capaz de pensar como a diversidade exterior tomou corpo e como as mais diferentes experiências socializadoras e até mesmo contraditórias são capazes de (co)habitar em um mesmo indivíduo. Em vista do exposto e como parte das reflexões da pesquisa de doutorado em andamento (UFPB-PPGS), o presente trabalho objetiva discutir o pluralismo religioso, trazendo o conceito de “Homem Plural” de Bernard Lahire para a esfera da religião, domínio ainda não contemplado pelo autor. Ao transportar a noção de “Homem Plural” para tal contexto, torna-se possível debater sobre como a diversidade exterior da pluralidade de crenças traduz-se no escopo intraindividual dos atores, os quais ao participarem sucessiva ou simultaneamente de vários grupos ou instituições, tornam-se portadores de esquemas de ação, de crenças e/ou de hábitos heterogêneos



e até mesmo contraditórios, construindo disposições por meio de experiências socializadoras que transpassam diversas crenças e religiosidades.

ABSTRACT

The message of religious phenomena reflected on the contemporary western reality is translated in terms of confessional pluralization and religious transit. Although at different levels, depending on the specific contexts of each society, religion – understood as a phenomenon of both private and public character – has been modified on its social and cultural aspects, at the last decades. Dynamism in the religious sphere is a reflection of a wider conjuncture of transformations that permeate the current societies, characterized by their high degree of differentiation and complexity. In this context, the socialization schemes of individuals become increasingly heterogeneous and precocious. It is around this scenario that the sociologist Bernard Lahire, seen as one of the most prominent names of the new generation of French sociologists, structures his researches and builds the idea of the "Plural Man", seen as the one that coexists with the multiple contradictions as possible between the heterogeneous products of a differentiated social world. Challenging the theories of oneness and the coherence of embodied experiences, Lahire presents his proposal for a sociology of action that is both dispositional and contextualist, through an observation of the social world focused on inter and intraindividual differentiations. This approach leads to a sociology compatible with differentiation and autonomization of the contemporary social life spheres, able of thinking about how external diversity and the most different socializing, and even contradictory, experiences has been internalized and can cohabit in the same individual. In this conjuncture and as part of the reflections of the doctoral research in progress (UFPB-PPGS), the present work aims to discuss religious pluralism, bringing the concept of "Plural Man" of Bernard Lahire to the field of religion, a domain not yet contemplated by the author. Done this, is possible to discuss how the external plurality of beliefs is translated into the intraindividual scope of the actors, who are included in many different groups or institutions and become carriers of heterogeneous schemes of action, beliefs and/or habits, constructing dispositions through socializing experiences that cross different beliefs and religiosities.

Palabras-chave: Fenômeno Religioso, Pluralismo, Bernard Lahire.

Keywords: Religious Phenomena, Pluralism, Bernard Lahire.



I. Introdução

O paradigma do pluralismo na esfera religiosa tem se consolidado enquanto realidade das sociedades ocidentais na contemporaneidade, especialmente desde o último quartel do século XX (Cf. Berger, 2014; Geertz, 2001.). A vasta oferta de opções religiosas, que se manifesta no surgimento dos novos movimentos religiosos ou no reavivamento de cultos tradicionalistas, bem como o desvelar de outras possibilidades para vivenciar o sagrado – que estão para além da experiência institucionalizada – têm reconfigurado a interação entre religião e sociedade e trazido à tona inúmeras teorizações empreendidas pelos estudiosos do fenômeno religioso.

Embora o pluralismo apresente-se, muitas vezes, sob vestes desiguais para distintos segmentos, de acordo com as particularidades de cada sociedade¹, é fato que a multiplicação de modelos de religiosidade tem sido acompanhada de uma nova dinâmica social, expressa em um relevante trânsito religioso – caracterizado por processos de conversão/desconversão/reconversão, circularidade e bricolagem.

A fluidez nos movimentos de transição entre diferentes crenças é, conforme aponta Hervieu-Léger (2008), uma tendência característica das sociedades atuais, ao passo que transitar entre os inúmeros sistemas simbólicos e de sentido do espectro religioso não constitui mais um problema de grandes proporções quanto poderia indicar em tempos passados, em que a rígida imposição de uma identidade religiosa herdada era frequente.

Inegavelmente, este modelo de sociabilidade religiosa que revela um menor peso sobre a transferência intergeracional e permite que o trânsito religioso opere sem maiores percalços, é reflexo de uma conjuntura mais ampla que abarca constantes transformações e resulta em sociedades complexas, diversificadas e altamente diferenciadas, nas quais os indivíduos têm acesso a espaços socializadores plurivalentes e, não raro, dissonantes entre si.

¹. No Brasil, por exemplo, as manifestações culturais e religiosas não-cristãs, principalmente as de matriz africana foram por muito tempo associadas ao crime, às drogas e ao charlatanismo e tardaram a obter a legitimidade para se expressarem em público. É o caso da Umbanda que só veio a ser reconhecida enquanto religião em 1950/60. Ver: Montero, 2006.



Não é difícil perceber que desde tenra idade os sujeitos encontram-se expostos a inúmeras experiências de socialização, reais ou virtuais. Com isso, ao pensar na esfera religiosa, observa-se que além do vasto leque de alternativas que se abrem aos atores, há também como contrapeso, espaços socializadores não religiosos e mais ainda: espaços que historicamente têm se apresentado como de resistência à concepção religiosa, por exemplo: as esferas cognitivo-intelectuais da ciência e da filosofia (Montero, 2012).

A partir deste panorama, a questão que se coloca é: de quais formas os seres sociais têm interagido com o fenômeno religioso frente a essas sociedades reconfiguradas, plurais e heterogêneas? Para os sociólogos da religião, cabe a árdua tarefa de manter o delicado equilíbrio entre a reificação necessária para a análise e a preservação da complexidade do indivíduo, para que esse não se torne apenas uma caricatura. Conforme nos lembra Weber (1965), para além das imagens puras que representam as construções típicas-ideais livres das contradições peculiares à nossa espécie, existem os indivíduos de carne e osso (Cf. Thériault, 2010).

É justamente nesse ponto, em busca de uma sociologia de “carne e osso”, que nos deparamos com o aporte teórico-metodológico de Bernard Lahire, considerado como um dos grandes nomes da nova geração de sociólogos franceses. Tendo como substrato para suas análises as complexas sociedades contemporâneas, ele elabora o conceito de “Homem Plural” – aquele que convive com as múltiplas contradições possíveis entre os diversos produtos heterogêneos deste mundo (Lahire, 2002, 2006).

Lahire tem alcançado relevante destaque especialmente pelo diálogo crítico que tece com Bourdieu, almejando um avanço na adaptação dos conceitos deste para as realidades atuais. De acordo com a sua perspectiva (Lahire, 2002b), o conceito de *habitus*, definido como um sistema geral e homogêneo de disposições permanentes e transferíveis de uma realidade a



outra – de um domínio de práticas a outro – perdeu seu valor heurístico de compreensão da realidade e encontra sérios limites para definir os indivíduos de nossas sociedades².

O seu argumento consiste em que o aspecto unificador e sistemático do *habitus* pode tornar-se enganoso, posto que a realidade incorporada em cada ator singular é muito menos simples. Para Lahire (2002, 2006), uma vez que um indivíduo é inserido em uma pluralidade de mundos não homogêneos, ele passa a carregar consigo um estoque de esquemas de ações ou hábitos não homogêneos, não unificados e consequentemente com práticas heterogêneas, variáveis de acordo com o contexto social em que será levado a agir.

De acordo com o panorama exposto até aqui e como parte das reflexões de pesquisa de doutorado em andamento (UFPB-PPGS), este artigo objetiva tecer algumas considerações sobre o pluralismo religioso e sobre o arcabouço teórico-metodológico de Bernard Lahire, discutindo suas potencialidades de aplicação no domínio da sociologia da religião.

II. Marco teórico e conceitual

O arcabouço teórico e o repertório conceitual nos quais assentam esta discussão giram em torno de dois principais eixos: 1) o debate sociológico sobre o pluralismo religioso e suas intrínsecas problematizações quanto às teses sobre secularização/desseccularização, e 2) a teoria sociológica da ação em escala individual.

O paradigma do pluralismo tem estado presente em praticamente todas as esferas do mundo contemporâneo. As transformações sócio-históricas ocorridas desde o término da II Guerra Mundial e alavancadas pelo processo de globalização, com o consequente encurtamento das distâncias entre diferentes Nações, estão entre os fatores que propiciam essa realidade. Em concordância com Steffen Dix (2007) hoje em dia é difícil encontrar qualquer sociedade moderna que não seja permeada por diversos estilos de vida, de religiões e de

² Para Lahire o conceito de *habitus* como definido por Bourdieu somente é adequado para sociedades menos diferenciadas e afirma que “não é por acaso que Pierre Bourdieu reatualizou a noção de *habitus* para captar justamente o funcionamento de uma sociedade tradicional fracamente diferenciada, a saber, a sociedade cabila. Ver: Lahire, 2002, p. 24.



mundividências, tornando-se imperativo o estudo e o entendimento interpretativo desta multiplicidade da vida cotidiana.

No âmbito religioso, o pluralismo que se manifesta especialmente à partir da segunda metade do século XX, orquestrado pela multiplicação de novos movimentos religiosos e por formas e modelos inéditos de sociabilidade entre os sujeitos e a religião, gerou uma espécie de alvoroço no meio acadêmico, com pesquisadores ávidos por compreender o que estava acontecendo e o que aconteceria dali para frente com o fenômeno religioso e suas possíveis reconfigurações. Seria um retorno em definitivo da religião? Esta voltaria a ocupar a mesma posição axial e estruturante das sociedades de outrora? A religião apenas estava eclipsada, sem que nunca tivesse, de fato, desaparecido? Como a religião conseguiu reencontrar espaço nas sociedades já consideradas secularizadas? Seria o fim das consagradas teorias da secularização? Ou a religião em sua nova roupagem mais flexível e menos institucionalizada seria, na verdade, uma confirmação destas teorias? Esses são apenas alguns dos questionamentos que o redimensionamento do fenômeno religioso trouxe à tona e fez cindir opiniões e posicionamentos dentro da literatura especializada.

O fato é que se em meio aos ecos da crise da modernidade soou pertinente para Nietzsche (2001) afirmar que Deus havia “morrido”, predizendo o fim de uma estrutura religiosa do pensamento – justificável pela conjuntura da época, com o crescente cientificismo europeu e seu ordenamento secular e racional – hoje, é motivo de reflexões e flexibilizações, não apenas em outras partes do globo, mas inclusive na Europa.

As teses sobre os processos de secularização remetem seu desenvolvimento a um dos pontos-chave da sociologia da religião empreendida por Weber. Ao empregar o sintagma “*Entzauberung der Welt*” – ‘desencantamento do mundo’, o autor referia-se ao que acreditava ser um milenar e gradual processo de extirpação da magia³ no mundo ocidental, que teve

³ Magia caracteriza-se como uma categoria problemática na literatura acadêmica. As desconstruções do termo iniciadas na segunda metade do século XX, a partir de análises históricas, dão conta de que “magia” é uma categoria vazia de significado ou, pelo menos, não é um elemento universal e transhistórico da vida humana, como faziam pensar os socioantropólogos clássicos. Ver: Ramalho, 2016.



início com as antigas profecias do judaísmo antigo e alcançou seu ápice com o protestantismo ascético. Esse desencantamento faria parte de um processo mais abrangente: o de racionalização sociocultural do ocidente, considerado, sob sua ótica, como um fenômeno irreversível (Cf. Weber, 2004; Pierucci, 2013).

Segundo essa linha de raciocínio, o mundo haveria passado por um duplo desencantamento, o primeiro provocado pela própria religião institucionalizada coibindo as práticas consideradas mágicas e o segundo acarretado pela modernidade cultural e a busca pela emancipação do indivíduo das amarras religiosas, gerando um processo de secularização com consequente perda da posição central ocupada pela religião anteriormente.

Todavia, em razão das já descritas mudanças e das tendências que o cenário religioso tem apresentado, emergiu o conceito de dessecularização, como diametralmente oposto ao que predica a teoria da secularização. Desde então, pesquisadores da sociologia da religião têm se posicionado em lados antagônicos em um campo de batalha imaginário de uma “guerra” – que embora já tenha abrandado os seus ânimos – não indica sinais de término. De um lado, os que apontam que a religião tem cada vez mais mostrado-se como parte da esfera pública e que o ressurgimento do interesse nas alternativas religiosas por parte dos indivíduos pode sugerir um consequente declínio da secularização (Cf.: Richardson, 1985; Stark & Bainbridge, 1980; Stark, 1999; Negrão, 1994, 2005; Reisebrodt, 2000.) . Do outro lado, aqueles que enxergam o pluralismo e o trânsito entre diferentes confissões como uma banalização do compromisso religioso, enfatizando a autonomização legitimada do indivíduo quanto aos processos de escolha como um produto da secularização (Cf.: Wilson, 1982, 1985; Prandi, 1996; Pierucci, 1997, 2003, 2013.).

Tomando emprestado uma colocação de Lahire (2012, p.8) – quando tratando do impasse das perspectivas históricas de longa duração *versus* as perspectivas microsociológicas – e trazendo-a para o caso em tela: “Seria um diálogo de surdos se procurássemos saber qual dos dois tem razão”, os modelos teóricos que almejam explicar a realidade são construções que variam em função de interesses de conhecimento, níveis de realidade abordados e escalas de



observação adotadas. No caso das teorias sobre o pluralismo religioso e os processos de secularização, sem vencedores ou derrotados, esse debate serve para chamar a atenção – resumidamente – em dois aspectos: 1) não há até o momento um repertório conceitual que seja realmente consensual em relação ao tema e isso gera percalços terminológicos e desafios teóricos na interpretação do papel ocupado pela religião na atualidade. 2) Em sociedades complexas como as atuais, inúmeras formas de interpretação são possíveis (Cf. Vilaça, 2006), devendo-se atentar para o fato de que contextos e realidades diferentes podem ser explicados por teorias diferentes.

Não há formas de generalizar (e não deveria ser esse o interesse) o modo como ocorre o processo de secularização ou se esse é ou não reversível, a atitude mais prudente, sob nossa percepção, consiste em adotar uma ótica mais flexível, que possibilite examinar os processos a partir das peculiaridades do recorte da realidade a ser estudada. Nessa direção, Taschannen (2004) apresenta o que denominou de um “conceito modular de secularização”, o qual permite uma ampla gama de possibilidades intermediárias entre os dois polos opostos: o da secularização e o da dessecularização. Dessa forma, é possível adequar com maior grau de realidade os contextos religiosos plurais das sociedades contemporâneas.

Partindo da ideia de que o ponto de vista cria o objeto e a construção científica permite o acesso a uma versão da realidade (LAHIRE, 2004), propomos aqui uma variação na escala de observação do fenômeno religioso, para evidenciar outra versão dessa esfera do mundo social, complementando e complexificando o debate. Sendo assim, traremos à tona a sociologia em escala individual apresentada por Bernard Lahire.

Enquanto marco teórico, é importante pontuar que embora todas as teorias sociológicas pressuponham a existência de pessoas reais, a individualidade dessas pessoas somente tornou-se passível de tratamento sociológico recentemente (Massi; Lima, 2015). Desde o princípio, a sociologia logrou o status de ciência autônoma via distanciamento das realidades individuais.

Durkheim caracteriza-se como precursor e incentivador desse “abandono”, com o intuito de fixar a sociologia como disciplina, delimitando um objeto de estudo diferenciado,



almejando evitar principalmente aproximações com a psicologia. A tônica de explicar “o social pelo social” sugere que as várias maneiras de pensar, sentir e agir dos indivíduos deve-se a algo exterior e dotado de poder de coerção sobre estes: o fato social (Lahire, 2006).

A esse respeito e no tocante à delimitação das distintas áreas de conhecimento: o que efetivamente diferenciaria uma análise sociológica de outras análises psicológicas ou psicanalíticas, senão o fato da sociologia ocupar-se de grandes grupos de pessoas? Esse é o desafio encarado por Lahire: delinear um tratamento caracteristicamente sociológico para as realidades individuais dos atores sociais (Massi; Lima, 2015).

Lahire (2006) argumenta que não há meios de ter acesso de forma direta à inteligência dos fatos coletivos sem passar pelos “estados coletivos refletidos”, que são justamente os traços de comportamentos individuais. De acordo com seu posicionamento, a invenção de um ser psíquico, distinto do individual, denominado de “consciente coletivo” que foi propagado pela sociologia durkheimiana, não passa de estratégia para desconsiderar os indivíduos enquanto produtos sociais. Dessa feita, adotar as lentes de uma sociologia em escala individual pressupõe o reconhecimento fundamental de que as realidades individuais são sociais e socialmente produzidas.

Sinteticamente, para Lahire (2002), o ator individual é resultado de inúmeras operações de dobramentos – ou interiorizações – caracterizando-se pela complexidade e multiplicidade dos processos sociais, dimensões sociais e lógicas sociais que interiorizou ao longo de seu percurso. Esclarece ainda que tais processos, dimensões e lógicas dobram-se de maneira relativamente singular em cada sujeito.

Quando o autor lança o termo “homem Plural”, em sua obra: “Homem Plural: as molas da ação” (Lahire, 2002), ele está veementemente alertando para o fato de que em meio ao espaço social plural a que os indivíduos estão submetidos na contemporaneidade ocidental, cada ser social forma um repertório próprio de disposições nem sempre homogêneas e nem sempre transferíveis de um contexto a outro.

Com isso, as teorias da unicidade e da coerência das experiências incorporadas são colocadas em xeque e como alternativa, Lahire (2004, 2006, 2010) apresenta sua proposta de



uma sociologia ao mesmo tempo disposicionalista e contextualista que é uma forma de compreender a ação mediante a fórmula: disposições (passado incorporado) + contexto atual de ação = práticas.

A definição de “disposição” abordada nesse contexto (Lahire, 2004) proporciona a interação entre o macro e o micro, ou seja: entre o social desdobrado e o social dobrado, corporificado. Nestes termos, uma disposição figura como um produto de uma socialização ocorrida no passado e que só se constitui mediante a repetição de experiências relativamente similares. Considerada como uma realidade reconstruída que em essência nunca é observada diretamente, pressupõe a realização de um trabalho interpretativo que seja capaz de fazer aparecer os princípios que geraram a aparente diversidade de práticas.

Entretanto, de que forma torna-se possível ao sociólogo a apreensão dessas disposições, descortinando a orientação social da ação individual dos sujeitos? Os retratos sociológicos e seu aparato metodológico, igualmente propostos por Lahire (2004), parecem apontar para uma solução. Para apreender a pluralidade interna dos indivíduos e a forma como as disposições distribuem-se de acordo com os contextos sociais é necessária a interpretação dos múltiplos traços, coerentes ou contraditórios, das atividades dos sujeitos em questão. Ao dispor de uma série de informações relativas ao modo como os atores comportam-se, agem e reagem frente a diferentes situações é que o sociólogo tem condições de buscar a origem desses comportamentos, interpretando as condições e determinações internas e externas que conduziram o indivíduo a agir como agiu, pensar como pensou e sentir como sentiu.

Entrevistas, quando realizadas em profundidade, e com questionamentos formulados de maneira precisa e contextualizada, são capazes de evocar memórias antigas e valiosas dos entrevistados, que apontam para além da ilusão da “unidade de si”, muitas vezes presentes na construção de suas falas sobre seus percursos biográficos. Os retratos sociológicos constituem-se como produto final de um processo de múltiplas e longas entrevistas com cada indivíduo, assemelhando-se a um estudo de caso aprofundado.

A possibilidade de trabalhar o arcabouço teórico metodológico de Bernard Lahire voltado para a sociologia da religião cria o espaço para uma compreensão mais aprofundada da



realidade vivida pelos indivíduos em um universo social que é simultaneamente permeado por uma miríade de ofertas religiosas e não-religiosas. Essa possível articulação entre a sociologia em escala individual e as interpretações do fenômeno religioso será melhor desenvolvida na seção IV deste artigo.

III. Metodologia

Este artigo possui uma abordagem qualitativa e constitui-se como uma revisão narrativa da literatura (Rother, 2007), que é definida como uma revisão bibliográfica não sistemática, com vistas a discutir um determinado assunto sob pontos de vista teóricos e contextuais. Para isto, foi realizado um levantamento da literatura especializada pertinente ao tema proposto – em âmbito nacional e internacional – utilizando as bases de pesquisa disponíveis na plataforma de periódicos da CAPES, no SciELO e em bancos eletrônicos de dissertações e teses de instituições universitárias. Após realizar uma leitura analítica dos textos selecionados, as informações coletadas foram sumarizadas por meio de resumos e fichamentos que auxiliaram na sistematização da discussão e possibilitaram a posterior análise crítica e interpretativa acerca da temática em questão.

IV. Análise e discussão dos dados

As situações religiosas plurais que tão bem caracterizam nossos tempos têm sido o foco de diversos estudos por parte dos sociólogos da religião. As dinâmicas de proliferação de crenças, os processos de afiliação/conversão e trânsito entre diferentes sistemas religiosos e o referido debate que visa a enquadrar a realidade em perspectivas teóricas dicotômicas como “secularização” ou “dessecularização” têm sido algumas das pautas principais das pesquisas e artigos da área nas últimas décadas.

Sob o nosso olhar, a secularização, vista enquanto fenômeno das sociedades modernas, não pode ser entendida como um conceito globalizante, sob risco de incorrer em grave erro sociológico, ao desprezar os contextos históricos e particularidades de cada sociedade. Em



alguns países da Europa, especialmente os que herdaram forte influência do comunismo, a perda da posição estruturante da religião tem se consolidado, a exemplo da Alemanha Oriental, Suécia, Estônia etc. Essa experiência, entretanto, não condiz com outras realidades, a exemplo da do Brasil e da América Latina (Cf. Hans, 2015).

Dessa forma, o conceito de secularização é melhor aproveitado se entendido como um conceito heurístico, um tipo-ideal, havendo variações as quais devem ser ajustadas de acordo com cada contexto social, concordando assim com a ideia do "conceito modular de secularização" proposto por Taschannen (2004). Nesse ínterim, o Brasil e a América Latina poderiam ser enquadrados como sociedades com Estado Laico quanto ao enfoque institucional, mas com uma esfera pública apenas parcialmente secularizada, em que os Estados ainda tendem a buscar nas esfera religiosa meios de aumentar suas legitimidades (Foerster, 2007).

Para além dessa discussão, se desejamos aprofundar a análise, percebemos que o repertório teórico e conceitual do qual dispomos na literatura atual competente ao tema, dá conta de uma sociologia da religião em estado desdobrado, mas deixa lacunas em relação às variações inter e intraindividuais, as quais se investigadas empiricamente talvez fizessem emergir um sem fim de possibilidades que revelariam vínculos mais ou menos fortes dos indivíduos com a secularização. Essa é uma das potencialidades latentes da aplicação da sociologia em escala individual neste campo de estudo.

Se guiados pelo aporte teórico proposto por Bernard Lahire, poderíamos afirmar a respeito do pluralismo religioso – pensando em termos de afiliação/participação em espaços religiosos – que são processos os quais envolvem uma gama de variáveis contextuais e disposicionais que se combinam até culminar na ação. Ainda que as inúmeras possibilidades de adesão revelem motivações que não raro variam de acordo com o nível cultural e socioeconômico dos sujeitos (Weber 2002, 2004, 2012; Hervieu-Léger, 2008) e muitas das vezes estejam associadas a um momento de ruptura ou crise, há incontáveis outros fatores que devem ser levados em conta e que dizem respeito a aspectos inter e intraindividuais. De fato,



o trânsito religioso se realiza em um dinâmico campo de forças, de forma que os fatores envolvidos no processo são interativos e cumulativos.

Nesse ponto, é imprescindível notar que a religião não está descolada das outras esferas do mundo social – como muitas vezes fazem parecer as abordagens desindividualizadas. Os indivíduos são formados pelo conjunto de suas relações, pertencimentos, compromissos e propriedades, passados e presentes e sendo assim, suas disposições religiosas estão em constante interação com outras disposições (inclusive contraditórias) e podem ser ativadas/desativadas, reforçadas ou inibidas de acordo com o contexto.

Para captar as condições de origem, transposição, fixação, transformação ou ajuste das disposições religiosas, a metodologia baseada em “retratos sociológicos” proposta por Bernard Lahire, parece-nos um instrumento que possibilita adequadamente a apreensão sociológica destas subjetividades, já que visa a conduzir o indivíduo a uma reflexão profunda de sua trajetória de forma multifacetada, passando por distintos universos de socialização.

Desta feita, torna-se patente algumas contribuições importantes com as quais a sociologia da religião poderia ser contemplada ao fazer uso de uma análise em escala individual, conforme proposta por Bernard Lahire. Talvez uma das mais fundamentais seja a de contornar as abstrações comuns às teorias já traçadas até hoje, que tendem a focalizar apenas no aspecto religioso do indivíduo, esquecendo ou não percebendo que os atores sociais transpassam diversos espaços socializadores e as suas disposições religiosas podem não ser transferíveis de um contexto práticas a outro. Sendo assim, o mesmo indivíduo pode carregar disposições religiosas e não-religiosas ao mesmo tempo e agir de maneiras paradoxais/ambivalentes a depender do contexto.

Portanto, a noção do “Homem Plural” trazida para o contexto do pluralismo na esfera religiosa, e do fenômeno religioso como um todo, possibilita entender, com maior grau de realidade, como os indivíduos reagem à especificidade dos tempos contemporâneos e como têm interagido com o fenômeno religioso frente a sociedades heterogêneas e diversificadas, ou seja como tem se portado o ser social mediante a vasta oferta de opções religiosas que



concorre simultaneamente com inúmeros outros sistemas de sentido, na maioria das vezes destoantes entre si.

V. Conclusões

Este trabalho buscou traçar incipientes reflexões acerca do fenômeno religioso na atualidade, sob o paradigma do pluralismo, e abrir espaço para a discussão das potencialidades intrínsecas à adoção de uma sociologia em escala individual – em termos lahireanos – para esse âmbito de pesquisa.

A literatura especializada tem se ocupado, em geral, de analisar a religião sob seu aspecto desdobrado, desindividualizado. Ainda que algumas abordagens carreguem consigo a preocupação quanto às “trajetórias de vida” dos sujeitos, a religião tende a ser vista como um fenômeno que se encerra em si mesmo, ao passo que a variação contextual que atua ativando ou inibindo as disposições religiosas, não é levada em consideração.

Ao evocar a noção do “Homem Plural” e situá-la na discussão do pluralismo religioso, tornou-se claro como esse pode ser um conceito-chave para compreender o repertório heterogêneo de disposições que o indivíduo contemporâneo carrega consigo em relação às suas disposições religiosas e não-religiosas e a forma como estas podem apresentar-se: camufladas, aparentes, inibidas, inativas, combinadas etc.

Nesse sentido, trazer a proposta sociológica apresentada por Bernard Lahire para o domínio dos estudos da religião significa romper com hábitos e contextos teórico-metodológicos rotineiros e contribuir para uma compreensão mais profunda do complexo fenômeno religioso, sob uma escala de observação ainda não trabalhada, a qual que é capaz de desvendar a forma corporificada da manifestação religiosa e possibilitar a ressignificação de categorias já consagradas.



VI. Bibliografia

- Berger, P.L. (2014). *The many altars of modernity: toward a paradigm for religion in a pluralist age*. Boston: De Gruyter.
- Dix, S. (2007). Helena Vilaça: Da torre de babel às terras prometidas, pluralismo religioso em Portugal. In: *Análise Social*, n. 185.
- Foerster, N. H. C. (2007). Pentecostalismo Brasileiro Clássico e Secularização. In: *Estudos da Religião*, ano XXI, n. 32.
- Geertz, C. (2001). *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Hans, J. (2015). A secularização conduz à decadência moral?. In: *Sociologias*, n. 39.
- Hervieu-Léger, D. (2008). *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes.
- Lahire, B. (2002). *O Homem Plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes.
- Lahire, B. (2002b). Reprodução ou prolongamentos críticos? In: *Educação e Sociedade*, n 78.
- Lahire, B. (2004). *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed.
- Lahire, B. (2006). *A cultura dos Indivíduos*. Porto Alegre: Artmed.
- Lahire, B. (2006b). *El Espíritu Sociológico*. Buenos Aires: Manantial.
- Lahire, B. (2010). Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação. In: JUNQUEIRA, Lília (Org.). *Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Lahire, B. (2012), *Monde Pluriel. Penser l'Unité des Sciences Sociales*. Paris: Editions du Seuil.
- Massi, L.; Lima, P. J. (2015). Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação. In: *Ciência e Educação*, vol. 21, n. 3.
- Montero, P. (2006). Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Revista Novos Estudos*. São Paulo, Cebrap, n.74.



- Montero, P. (2012). Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. *In: Religião e Sociedade*, vol. 32, n.1.
- Negrão, L. N. (1994). "Intervenção". *In: Moreira, Alberto e Zicman, Renée (Orgs.). Misticismo e Novas Religiões*: Petrópolis.
- Negrão, L. N. (2005). Nem “jardim encantado”, nem “clube dos intelectuais desencantados”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 20, n. 59.
- Nietzsche, F. (2001). *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pierucci, A. F. (1997). Interesses religiosos dos sociólogos da religião. *In: ORO, A.; STEIL, C. A. (Org.). Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes.
- Pierucci, A. F. (2003). *O desencantamento do mundo*: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34.0.
- Pierucci, A. F. (2013). O Crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010. *In: Religiões em Movimento: O Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes.
- Prandi, R. (1996). Religião paga, conversão e serviço. *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap.
- Ramalho, E. (2016). Magia Sexual de Aleister Crowley: Interfaces entre a *ARS* erótica e a *Scientia Sexualis*. *In: Último Andar*, n 28. São Paulo: PUC.
- Rambo, L. (1993). *Understanding religious conversion*. New Haven, CT & London: Yale University Press.
- Richardson, J. T. (1985). Studies of conversion: Secularization or Re-enchantment? *In: E. Hammond. The Sacred In a Secular Age – toward revision in the scientific study of religion*. Berkeley: University of California Press.
- Riesebrodt, M. (2000). *Die Rückkehr der Religionen. Fundamentalismus und der 'Kampf der Kulturen'*. München.
- Rother, E. T. (2007). Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. *Acta Paulista*, vol. 20, n.2.
- Stark, R. (1999). Secularization. *R.I.P. Sociology of Religion*, v. 60, n. 3.
- Stark, R. & Bainbridge, W. S. (1980). The Future of Religion: Secularization, Revival, and Cult Formation. *The Annual Review of the Social Sciences of Religion*.



Taschannen, O. (2004) La revaloración de la teoría de la secularización mediante la perspectiva comparada Europa latina – América Latina. In: BASTIAN, Jean-Pierre (org). *La modernidad religiosa: Europa latina y América Latina en perspectiva comparada*. México: Fondo de Cultura Económica.

Thériault, B. (2010). Le sociologue, l'homme pieux et le pluralisme religieux. Dialogue avec Max Weber. *Social Compass*, 57(2).

Vilaça, H. (2006). *Da torre de babel às terras prometidas*. Porto: Edições Afrontamento.

Weber, M. (1965). Essai sur le sens de la 'neutralité axiologique' dans les sciences sociales et économique. In: *Essais sur la théorie de la science*. Paris: Plon.

Weber, M. (2002). *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC.

Weber, M. (2004). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Cia. Das Letras.

Weber, M. (2012). *Economia e Sociedade*, Vol. 1. Brasília: UNB.

Wilson, B. (1982). *Religion in Sociological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1982.

Wilson, B. (1985). Secularization. In: Hammond, P. E. (Ed.). *The sacred in a secular age*. Berkeley: University of California Press.